

**MULHERES EM REDE PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO:
O USO DA INTERNET PARA A MOBILIZAÇÃO SOCIAL**
WOMEN'S NETWORK FOR CHILDBIRTH HUMANIZATION:
THE USE OF THE INTERNET FOR SOCIAL MOBILIZATION

Aline Gonçalves¹

Resumo:

Este artigo visa analisar no contexto da sociedade em rede um caso de mobilização social, que teve internet como ferramenta de articulação. A problemática do crescente número de cesarianas realizadas no Brasil, principalmente entre as usuárias da rede de assistência à saúde privada, tornou a humanização do parto uma causa a ser defendida por vários grupos de mulheres, em diferentes cidades brasileiras. Para discutir a mobilização que deu origem à Marcha pela Humanização do Parto, são analisadas algumas características da sociedade em rede, das formas de atuação política das mulheres, das ações coletivas contemporâneas e o uso da internet como instrumento de mobilização e possíveis transformações sociais.

Palavras-chave: comunicação, mobilização social, redes.

A b s t r a c t

This article aims to analyze, in the context of network society, a case of social mobilization in which internet acts as the main facilitating tool of this political acting process. The problem of the increasing number of caesarean sections in Brazil, especially among users of the private health care, changed the humanization of childbirth into a cause to be defended by several women's groups in some Brazilian cities. To discuss the mobilization that led to the "Marcha pela Humanização do Parto" (Parade for Childbirth Humanization), this study analyzes some aspects of the network society, of the ways women act politically, of the contemporary collective actions and the use of the internet as a tool for social mobilization and possible social transformations.

Keywords: communication, mobilization, network.

1 - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, Jornalista (PUC-PR), especialista em Sociologia Política (UFPR), integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Mobilização Política. E-mail: alinegoncalves@gmail.com.

Neste artigo são discutidos como processos de comunicação contribuem para promover a mobilização social. Para isso será analisada a construção de uma ação coletiva que teve início há pouco mais de uma década. Pretende-se verificar como o uso da rede mundial de computadores contribuiu para que o assunto recebesse atenção da mídia, e consequentemente da sociedade. A Marcha pela Humanização do Parto foi realizada em junho de 2012, quando milhares de mulheres e simpatizantes da causa foram às ruas simultaneamente em 16 cidades brasileiras. A manifestação ocorrida no mundo real foi precedida de uma série de ações realizadas no mundo virtual.

Pode-se considerar que a Marcha começou a ser desencadeada pelo grande número de acessos de um vídeo disponibilizado no *Youtube*, que mostra um parto natural domiciliar. O sucesso do vídeo na internet despertou o interesse da equipe do programa Fantástico, revista semanal da Rede Globo de Televisão, que exibiu uma reportagem sobre o assunto no dia 10 de junho de 2003. Um dos entrevistados na reportagem foi o médico Jorge Kuhn, coordenador do Departamento de Obstetrícia da Universidade Federal de São Paulo, que declarou ser favorável ao parto domiciliar. Essa manifestação gerou uma advertência ao médico por parte do Cremerj e uma resolução do Conselho que proibiu os médicos de atuarem nesses procedimentos. A atitude do Conselho de Medicina fortaleceu o movimento de mulheres, que usaram as redes sociais e acionaram a mídia (por meio de *releases*) para mobilizar as pessoas a irem às ruas em defesa do seu direito de decidir como e onde terem seus filhos.

Nos dias 15 e 16 de junho, mulheres, crianças e homens participaram das passeadas em doze capitais e mais quatro cidades do interior do estado de São Paulo, nas quais expressaram sua opinião sobre o tema. A repercussão da Marcha pela Humanização do Parto gerou uma nova reportagem no programa Fantástico no dia 17 de junho e ampla repercussão na mídia nacional (TABELA 01).

Apesar do foco da discussão midiática ter sido o parto domiciliar, as principais meta dos grupos que defendem o parto humanizado são: a defesa do parto natural ou normal; a defesa do direito de escolha do local do parto; a promoção da humanização do parto; a garantia do direito das mulheres e casais de acesso a informações e orientações; a diminuição do número de

cesáreas no Brasil; e a promoção do atendimento obstétrico ético, socialmente engajado e cientificamente fundamentado. É importante ressaltar que as estatísticas brasileiras do número de cesarianas estão muito mais altas do que as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS): entre as mulheres atendidas pela rede saúde suplementar (privada) esse índice chegou a 82% do total de partos (em 2010), sendo que a recomendação OMS é 15%.² Outro fator interessante é que as ações coletivas em defesa do parto natural não são exclusividade do Brasil, elas estão acontecendo em diferentes países como a Inglaterra, Estados Unidos e Hungria, locais em que o número de cesarianas também é crescente, apesar de em nenhum dos países citados as taxas serem tão altas quanto no Brasil.

Política e mulheres, identidades em rede

Para analisar a Marcha, primeiramente será feito um breve resgate de alguns elementos da trajetória das lutas políticas das mulheres, uma vez que muitas das suas conquistas políticas, sociais e culturais estão muito relacionadas ao movimento feminista. Nos últimas quatro décadas, elas foram às ruas e ocuparam espaços na academia e cargos políticos para reivindicar o direito ao voto, a liberdade sexual, a equidade salarial, etc. Algumas dessas pautas são conquistas consolidadas, pelo menos nos países ocidentais, mas outras ainda demandam esforço coletivo para que se efetivem. Castells afirma que essas transformações só foram possíveis a partir da (re)definição da identidade da mulher. Para ele, isso seria a essência do feminismo, pois ao buscar a nova identidade, as feministas negam o conceito de mulher definido pelos homens e venerado na família patriarcal (2002, p.211). No decorrer do tempo, a difusão da cultura feminista fez com que elementos discursivos fortalecessem as redes de apoio às mulheres e principalmente contribuíssem para o “combate ao patriarcalismo no seu reduto mais forte: a mente das mulheres” (CASTELLS, 2002, p. 217). Ao fortalecer as redes, são

2 - Conforme dados do Ministério da Saúde, em 2010, foi registrado que 52% dos partos realizados no país foram cesarianas. Na rede privada, o índice de partos cesáreos foi de 82% e na rede pública, 37%. A recomendação da Organização Mundial da Saúde é que a taxa esteja em torno de 15% (é importante ressaltar que a maior parte das mulheres que fazem parte dos grupos de mobilização é atendida pelas redes privadas de assistência à saúde) Disponível em:

<<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/4218/162/fiocruz-pesquisa-aumento-%3Cbr%3Ede-cesarianas-no-brasil.html>>. Acesso em: 14/11/2012.

fortalecidas também as formas de agir politicamente das mulheres. Fora algumas exceções, como os grupos feministas radicais, as mulheres costumam buscar formas mais cooperativas do que combativas de ação.

A rápida difusão de ideias em um mundo globalizado é um desafio a manutenção da cultura paternalista, porque as novas estruturas são menos hierarquizadas e mais fluidas, as experiências podem ser compartilhadas de forma dinâmica e até instantânea por todo o planeta (CASTELLS, 2002, p.172). Esse fluxo de informações permite, por exemplo, que além de trocarem experiências pessoais, os grupos que defendem o parto humanizado tenham acesso a dados estatísticos sobre os nascimentos no Brasil, assim como em várias outras partes do mundo. Dados que reforçam seus argumentos e metas de transformação.

(...) mulheres e outros grupos sociais oprimidos parecem tender a se expressar de forma mais aberta devido à proteção do meio eletrônico (...). É como se o simbolismo do poder embutido na comunicação frente a frente ainda não tivesse encontrado sua linguagem na nova CMC.³ Em razão da novidade histórica do veículo e da relativa melhora do status relativo de poder dos grupos tradicionalmente subordinados, como as mulheres, a CMC poderia oferecer uma oportunidade de reversão dos jogos de poder tradicionais no processo de comunicação (CASTELLS, 2007, p. 446).

No caso em análise, a internet foi amplamente usada e permitiu expressões e articulações que dificilmente seriam possíveis sem a sua existência. Esse pode ser um exemplo, de mudança de comportamento provocada pelas novas possibilidades de comunicação e de seu potencial para mudar uma cultura. “O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura” (CASTELLS, 2007, p. 414).

Ações coletivas em rede

As formas de ação políticas das mulheres e a rede mundial de computadores são apenas alguns dos elementos da nova dinâmica social contemporânea, que traz inúmeros novos

3 - CMC: Computer-mediated Communication (Comunicação Global Mediada por Computadores)

desafios para estudar as formas como as pessoas atuam coletivamente em defesa de uma causa. Alguns outros elementos em jogo são: o excesso de informações e a forma caótica como elas circulam; a autoreflexividade dos sujeitos e das organizações; a mobilidade; e as diversas identidades assumidas pelos atores nas suas trajetórias. Algumas análises sobre as formas de ação coletiva e as características dos movimentos sociais podem contribuir para a compreensão de fenômenos sociais como a Marcha pela Humanização do Parto. Como defende Ilse Scherrer-Warren, “desde a segunda metade do século XX surgem novos sujeitos sociais, novas formas de organização e articulação e cenários políticos mais dinâmicos, especialmente em sociedade em processo de globalização”.

As redes são estruturantes da sociedade contemporânea globalizada. Uma das importantes contribuições desta concepção encontra-se nos estudos de Manuel Castells (1996; 2000). Segundo este autor, a sociedade das redes é uma forma específica de estrutura social, que pode ser identificada pela pesquisa empírica como característica da era da informação. Assim como a sociedade industrial caracterizou a estrutura social do capitalismo e estatismo do século XX, as redes seriam figuras chave da morfologia social, permeando os níveis culturais e institucionais da maioria das sociedades atuais (2000, p.5), e, como tais, elas também são estruturantes dos movimentos sociais contemporâneos (CASTELLS, 1996, vol II: The power of identity). (SCHERER-WARREN, 2003, p.31)

As ações coletivas em rede exigem atenção especial para estabelecer categorias de análise. Se a dificuldade em definir o conceito “movimento social” é reconhecida, a atuação de atores coletivos em rede apresenta ainda outros desafios. Segundo Maria da Glória Gohn não há consenso entre os conceitos defendidos atualmente de movimento social, pelo contrário, há muitas contradições. Ela aponta a dificuldade de teorizar sobre os movimentos sociais, uma vez que eles “transitam, fluem e acontecem em espaços não-consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política. Por isso eles são inovadores – como já indicava Habermans nos anos 70 – e são lumes indicadores da mudança social” (2011, p. 12).

Para Melluci, as mudanças sociais passam pela mudança cultural e pela transformação das relações pessoais, por isso, na sua visão, nos estudos sobre movimentos sociais, é necessário examinar o papel do discurso, da linguagem e da construção das ações coletivas. Para ele, os “movimentos contemporâneos são os profetas do presente. O que eles possuem não é a força dos aparatos, mas o poder da palavra” (MELLUCI, 1996. p.01). Scherrer-Warrer corrobora a caracterização de movimentos sociais defendida por Melucci: como aquelas ações coletivas que “envolvem solidariedade; manifestam um conflito; excedem os limites de compatibilidade do sistema em relação à ação em pauta” (MELUCCI, apud SCHERRER-WARRER, 2006, p.02).

Usando como referências os apontamentos de Melucci, Touraine e Castells, Scherrer-Warren afirma ainda que “um movimento social existe quando há: (1) um princípio de identidade construído coletivamente ou de identificação em torno de interesses e valores comuns no campo da cidadania; (2) a definição coletiva de um campo de conflitos e dos adversários centrais nesse campo; (3) a construção de projeto de transformação ou de utopias comuns de mudança social nos campos societário, cultural ou sistêmico” (SCHERRER-WARRER, 2006, p. 03-04).⁴

Scherrer-Warrer aponta ainda três categorias de ações coletivas em rede: Redes Sociais, Coletivos em Rede e Redes de Movimentos Sociais. As Redes Sociais são comunidades de sentido, com uma causa comum, em que os agentes são os nós da rede, ligados entre si pelos laços dela, e, que, apesar de apresentar certa estruturação e continuidade, não necessitam ser formalizadas; os Coletivos em Rede são organizações empiricamente localizáveis, como, por exemplo, a articulação entre ONGs que atuam em um mesmo eixo temático; já as Redes de Movimentos Sociais são consideradas as redes de redes, ou seja, à síntese articulatória, envolvendo diversos formatos organizacionais e modos de ação.

4 - Pode-se dizer que a ação coletiva em análise apresenta as características descritas pela autora uma vez que: (1) são grupos de instituições e mulheres que defendem o parto natural, humanizado e o direito de escolha do local onde ele acontecerá; (2) há um conflito declarado com médicos obstetras (especialmente os das redes particulares) e Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, que quer restringir os partos ao ambiente hospitalar e conduzidos por médicos; (3) o projeto defendido pelo grupo, que já se encontra em ação, promove a autonomia de escolha da mulher, o resgate dos conhecimentos tradicionais de parteiras e doulas e diminuição do número de cesarianas no Brasil.

Internet e mobilização social

Seria a internet capaz de revolucionar a lógica da comunicação e ainda proporcionar significativos ganhos sociais? Se a rede mundial de computadores está em franca expansão, alguns pesquisadores da área, como Dominique Wolton, fazem um contraponto e alertam que o rádio e a televisão continuam a ser de longe os principais meios de informação, de distração, de cultura e de abertura para o mundo (2003, p.54). O entusiasmo diante as possibilidades que a rede proporciona não pode obscurecer problemas culturais e sociais que não são superados pela simples disponibilização de um recurso tecnológico. Wolton enfatiza a necessidade de estudar a comunicação e suas relações na sociedade e que para isso é preciso distinguir a dimensão técnica da dimensão valorativa da comunicação “(...) a comunicação é uma questão teórica e científica fundamental, mas também política e cultural, pois une de maneira inextricável as dimensões antropológicas, os ideais e as técnicas, os interesses e os valores” (2003, p. 08). Ele relembra que foi a reforma social que deu sentido à revolução da imprensa e não a imprensa que permitiu a reforma (2003, p.32).

Assim a internet por si só não representaria uma nova perspectiva de alcançar uma dinâmica social mais ativa e participativa e, apesar do acesso à rede mundial de computadores ser crescente, para Wolton a comunicação ainda não superou a lógica da sociedade de massas. Se a rede mundial de computadores facilita o encontro e reforço de opiniões, ela não tende a estimular na mesma intensidade o exercício da alteridade, do debate, da deliberação – procedimentos essenciais para suportar as dessemelhanças e coabitar. Por essa e outras razões, Wolton questiona se as novas tecnologias da informação e da comunicação proporcionam uma mudança significativa no sistema técnico, no modelo cultural dominante e no projeto que sustenta a organização econômica, técnica e jurídica do conjunto de tecnologias de comunicação (2003, p.13). Ele ainda provoca: “o desafio para as novas tecnologias de comunicação é atribuir-lhes uma dimensão social, e não tecnologizar o homem e a sociedade” (2003, p.15).

Se uma mudança social significativa ainda está por vir, é preciso reconhecer que com o aperfeiçoamento dos mecanismos de interação via internet foram ampliadas em alguma escala

as formas de trocas entre sujeitos, entre sujeitos e a coletividade e entre coletividades. Como afirma Primo: “A Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (2007, p. 01). Uma das principais transformações é a mudança da publicação de conteúdos (forma vertical de difusão de informações) para a participação na construção deles (forma horizontal de difusão de informações).

Mesmo os blogs que reúnem pequenos grupos com interesses segmentados ganham peso na rede a partir de sua interconexão com outros sub-sistemas. Ou seja, o modelo informacional de um grande centro distribuidor de mensagens passa a competir com a lógica sistêmica da conexão de micro-redes. Em outras palavras, enquanto modelo massivo foca-se no centro, a Web 2.0 fortalece as bordas da rede. Outro fator que confere força a produtos midiáticos gerados nas “bordas” é o desenvolvimento de um novo formato para a circulação de informações. Como se pode recordar, a Internet foi logo celebrada por sua tecnologia *pull* (o conteúdo é “puxado” pela audiência), que se opunha ao modelo *push* (o conteúdo é “empurrado” até a audiência) da mídia massiva. (PRIMO, 2007, p.03)

Se por um lado a internet permite maior diversidade de acesso e disponibilização de conteúdos, a sua lógica, e especialmente lógica das redes sociais, tende a reunir pessoas e grupos com opiniões e visões de mundo semelhantes, independentemente de onde e em que tempo eles interajam. Assim ela fortalece e dá suporte para que grupos identitários cresçam e fortaleçam seus posicionamentos, mas até que ponto a rede mundial de computadores contribui efetivamente para a consolidação dos processos democráticos, nos quais é necessário coabitar e coexistir com o diferente?

Da internet para as ruas: Marcha pela Humanização do Parto

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de espaço aberto e acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman “nós não vemos a realidade como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são

nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura. (CASTELLS, 2007, p. 144).

A análise a seguir visa delinear a trajetória construída pelos grupos de mulheres que integraram a Marcha no decorrer dos últimos anos, com foco nas suas ações virtuais. Podem ser encontrados registros de manifestações virtuais em torno do assunto desde 1999, quando foram criadas as primeiras listas de discussão on-line. Além dessa ferramenta os grupos utilizam sites (temáticos e institucionais), blogs, e as redes sociais (Orkut e Facebook) para trocar e difundir informações. Como relatado no currículo da obstetriz Ana Cristina Duarte⁶: “juntando-se a outras mães montaram em 2001 o site Amigas do Parto, que busca oferecer informação de qualidade a gestantes e profissionais da assistência obstétrica. Em 2002, junto a outras doulas, fundou o site Doulas do Brasil, que ajuda mulheres e profissionais de todo o país a conhecer esse tipo de trabalho”.

O site Amigas do Parto⁷ dá acesso a listas de discussão via e-mail que demonstram a amplitude de alcance deste recurso. A lista Parto Natural⁸ é declarada como mais antiga deste assunto no Brasil. Criada em novembro de 1999, tem o objetivo de fazer com que os profissionais de saúde, gestantes e casais grávidos de todo o Brasil, possam manter contato, atualizando as informações fortalecendo os laços do movimento. Atualmente conta com 1.573 participantes, tendo como moderadora Maria de Lourdes da Silva Teixeira, conhecida como Fadyinha, professora de yoga, no Rio de Janeiro, que prepara casais grávidos com método próprio desde 1978.

A segunda lista mais antiga, Lista Amigas do Parto⁹, foi criada em fevereiro de 2001, contou com 197 associados, e está atualmente desativada, mas disponível para consulta. No site Amigas do Parto ainda são oferecidas outras três listas de discussão criadas no ano de 2003: Parto Nosso (1.820 participantes), Doulas (230 participantes) e Rehuna (362 participantes).

6 - Disponível no site do Grupo Sumaúma: <http://www.gruposamauma.com.br>

7 - Site: Amigas do Parto <http://www.amigasdoparto.com.br>, é preciso esclarecer que as mantenedoras desse site não são ligadas à organização não-governamental homônima, que por sua vez utiliza o endereço: <http://www.amigasdoparto.org.br>.

8 - Link da página do grupo: <http://br.groups.yahoo.com/group/partonatural/>

9 - Link da página do grupo: <http://br.groups.yahoo.com/group/amigasdoparto/messages>.

A lista Parto Nosso recebe seus participantes com a seguinte mensagem: “Nosso grupo se originou da lista de discussão das Amigas do Parto. Esse é um grupo de alma feminina e se expressa num dos momentos mais marcantes da vida de uma mulher: o ciclo reprodutivo. Entendemos que a gestação, o parto, o puerpério e a amamentação compõem um ciclo essencialmente feminino e fisiológico. Com essa premissa, pretendemos discutir os temas acima com o objetivo de resgatar o protagonismo feminino nesses eventos dando ênfase maior na gravidez e no parto. Somos contra o alto índice de cesarianas desnecessárias e procuramos informar as mulheres quanto a esse risco e ajudá-las a se tornarem líderes nos seus partos, buscando um parto mais natural, digno, humano e saudável”.

O processo de inscrição na lista Parto Nosso requer ainda o preenchimento de um questionário, uma mensagem com uma lista de consensos do grupo e ainda um texto com sobre a tipificação dos partos, que termina com o seguinte argumento: “Enquanto as mulheres não reivindicarem seus direitos, enquanto as decisões couberem somente aos profissionais prestadores de serviços médicos, aos hospitais que elas escolherem, à diretoria que cria as condições de atendimento, enfim, enquanto deixar que os outros cuidem do que é das mulheres, os "tipos de parto" fazem sentido. É a classificação dos partos que serão permitidos ou oferecidos de acordo com as necessidades, conveniências e crenças de outros”. A frase faz diretamente uma convocação à militância, quando afirma que as mulheres devem reivindicar seus direitos e vai ao encontro do conceito de poder simbólico de Bourdieu.

O efeito propriamente ideológico consiste precisamente na imposição de sistemas de classificação políticos sob aparência legítima de taxinomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. Os sistemas simbólicos devem sua força ao fato de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação). (BOURDIEU, 2011, p.14).

O uso das chamadas redes sociais virtuais, pode ser apontado como mais um recurso essencial para a articulação dos grupos analisados. A primeira rede que teve grande expressão de uso no Brasil, o Orkut, abriga comunidades das três instituições que promoveram a Marcha, a pesar de o número de participantes não ser tão expressivo. Rehuna¹⁰, com 606 membros; Amigas

do Parto¹¹, com 1.059 membros; e Samaúma¹², com apenas 67 membros.

Para a organização da Marcha pela Humanização do Parto, o Facebook foi a ferramenta mais intensamente utilizada. Foi criada uma comunidade¹³ com o nome da manifestação, na qual 2.673 pessoas se inscreveram. Nela são encontrados comentários que contribuíram para a organização da manifestação, eles se referem tanto ao posicionamento político do grupo diante ao fato quanto as organização logística do evento. A comunidade continua ativa e recebe novas mensagens e comentários, principalmente quando algum novo elemento é colocado em discussão. Como no caso ocorrido em janeiro de 2013, quando duas maternidades da cidade de São Paulo proibiram doulas de acompanharem partos e mais uma manifestação de rua, de amplitude local, foi organizada.

Ainda é preciso ressaltar o uso do recurso audiovisual, como a disponibilização de vídeos pelo canal *Youtube*. O vídeo do parto de Sabrina Ferigato pode ser considerado o ápice da expressão do movimento na internet até o momento. Disponibilizado em fevereiro de 2012, um ano depois acumulou 3.261.094 visualizações (até 27/02/2013). A produção foi feita de forma coletiva, com a participação da família (Sabrina, Fernando, Lucas), do Grupo Samaúma de Parto Humanizado e das fotógrafas e *vídeo makers* Vívian Scaggiante e Suzanne Shub, e como já descrito, foi o estopim para que a polêmica sobre o parto domiciliar pautada pelos veículos de comunicação de massa gerasse debate entre órgãos de classe (conselhos profissionais de medicina e enfermagem) e na sociedade.

Considerações finais

O caso analisado, como várias outras lutas de mulheres, não é um embate direto com os homens, mas pode refletir elementos da cultura patriarcal quando a classe médica assume

10 - Link de acesso à página da comunidade Rehuna:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4131409>

11 - Link de acesso à página da comunidade Amigas do Parto:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1001472>

12 - Link de acesso à página da comunidade Samaúma:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=91535495>

13 - Link de acesso à página da Marcha no Facebook:

<https://www.facebook.com/marchapartohumanizado?fref=ts>

o papel de detentora do conhecimento, da verdade e do “poder” de decisão e as mulheres têm papel secundário, ou até, submisso. Esse poder de decisão sobre a forma de parto contém elementos simbólicos, visto que, na pesquisa que deu origem ao livro *O Mundo das Mulheres*, Touraine revela que as entrevistadas apontam a gravidez como o momento de suas vidas que se sentiram mais fortes. Afirmação que precisa ser salientada, uma vez que parte significativa das mulheres que atuaram na Marcha pela Humanização do Parto engajou-se com a causa durante ou logo após o período gestacional. “É primeiramente – e talvez antes de tudo – porque nas mulheres estão simultaneamente presentes a vida e a sua reprodução, que tanto uma quanto a outra marca mais o corpo da mulher do que o do homem, e também porque elas alcançam a sua força máxima durante a gravidez” (2007, p.65). Assim a impotência de tomar as decisões sobre o seu parto pode por em cheque a identidade feminina.

Em contraponto a isso, a troca de experiências, muitas vezes ocorrida no mundo virtual, promoveu a afirmação que a mulher pode/deve assumir durante a gestação e no momento do parto. A produção coletiva, com a participação de profissionais e depoimentos de centenas de mulheres, deu credibilidade aos conteúdos materiais publicados e a dinâmica de construção e atualização coletiva. As características da forma de agir coletivamente das mulheres, imersas em uma sociedade em rede e com a disponibilidade da internet, criaram condições para que manifestações ocorridas no mundo virtual, ao longo dos anos, pudessem em um pequeno período de tempo ganhar visibilidade nacional.

TABELA 1 – AMOSTRA DE REPORTAGENS PUBLICADAS ENTRE OS DIAS 11/06/2012 2 22/07/2012

Data	Veículo	Título da reportagem
10/06/2012	Fantástico	Parto humanizado domiciliar divide profissionais da área de saúde
16/06/2012	R7	Mulheres fazem protesto em defesa do parto normal em São José
17/06/2012	Fantástico	Mulheres protestam em defesa do parto domiciliar
	Agência Brasil	Manifestantes defendem em São Paulo parto natural e criticam elevado número de cesarianas
	Portal Uol	"Marcha pelo Parto em Casa" acontece hoje pelo país; conselho vai abrir sindicância contra médico que defendeu a prática na TV
	Diário Online do Pará	Em busca da humanização, parto em casa vira opção
	Jornal Comercio do	Recifenses em manifestação pelo parto em casa
	Diário Pernambuco de	Mulheres lutam pelo direito de decidir como e onde parir
	Zero Hora	Mulheres realizam na Capital marcha em defesa do parto em casa
	O Estado do Paraná	Marcha do Parto em casa promove discussão sobre opção

18/06/2012	O Estado de S. Paulo	Manifestantes vão às ruas defender médico que apoia parto em casa
	Folha de S. Paulo	Mães marcham na Paulista em defesa do parto em casa
	Band News	Brasil: em passeatas, mulheres cobram o direito de fazer o parto em casa
	Bom Dia São Paulo	Passeata reúne pessoas que lutam pelo direito do parto em casa na Avenida Paulista
	G1	Mulheres fazem protesto pelo direito de fazer o parto em casa
22/07/2012	Folha de Pernambuco	Marcha defende o parto humanizado
	Portal Terra	Mulheres organizam protesto contra proibição de partos em casa

FONTE: A autora

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.v.1.

_____. **A Era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.v.2.

GOHN, M. G. M. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2011.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

SCAGGIANTE, Vívian e SHUB, Suzanne. **Parto Sabrina, Nascimento Lucas - Sabrina Homebirth, Lucas' Birth**. Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qiof5vYkPws>>. Acesso em: 14/11/2012

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Soc. estado., Brasília, v. 21, n. 1, Apr. 2006.

TOURAINE, Alain. **O Mundo das Mulheres**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOLTON, Dominique. **Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.